

"Para dizer de outro Labirinto": Grupo Com.Barro

Guilherme Doze Santos – Email: doze.guilherme@gmail.com

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Esta comunicação pretende abordar o trabalho do coletivo "Grupo Com.Barro" formado pelas artistas/ceramistas catarinenses Eneida Soares de Macedo, Ilca Barcellos, Gardinha Gurgel, Luciane Garcez, Rosana Bortolin, Marina Uieara, Rosane Gonçalves, Rosângela Rosa, Sara Ramos e Viviane Diehl em seu trabalho mais recente como participação coletiva no Projeto regional "Labirintos Borgeanos Mídia e Laboratório das Artes do Fogo" projeto de curadoria e investigação da artista argentina Silvia Barrios.

Cada uma das artistas possui em sua particularidade uma vasta produção em cerâmica de valor significativo, muitas delas, inclusive, somam em seu histórico artístico participações em diversas exposições e salões nacionais e internacionais. Sua união mais recente se vincula a mostra proposta pelo Projeto "Labirintos Borgeanos" de Silvia Barrios, uma curadoria que se firma na proposta de obras em constante processo de evolução, aliando técnicas de produção cerâmica tanto tradicional quanto alternativa. Cria-se no cerne da proposta o incremento das tecnologias atuais para a exploração interativa e multimídia ante o público espectador sobre a poética de vida e produção do poeta argentino Jorge Luis Borges.

Minha análise se firma como relato do ponto de vista de artista-colaborador com o grupo na segunda etapa de produção da obra interativa "Para dizer de um outro Labirinto". Durante mais de seis meses acompanhando a estrutura de pensamento e produção coletiva, tão vasta, e que agora convergem em um denominador comum buscando a criação de um sistema híbrido de cerâmica e tecnologia, imaginando a interação entre espectador e obra, aliando um sistema de participação onde há troca de concepções, ações, e sua captura e retorno de imagens na exploração das artes midiáticas e sua potência de resultado exibido através do recurso audiovisual. A experiência de compor uma obra que visita a proposta "experimental" de Oiticica que não é arte experimental, mas "um ato cujo resultado é desconhecido", como afirma o artista, não se prende ao que já está posto.

São parte desta comunicação o relato do uso e aprendizado das mais recentes tecnologias aos circuitos embarcados, em especial o RaspberryPi 2, seu funcionamento eletrônico o desbravar de sua linguagem de programação para um obter resultado final de ressignificação a outros meios tão distantes (ao primeiro olhar) da cerâmica. Nessa comunicação, ofereço também uma visão intimista individual de um aluno que teve a oportunidade de aprender e conviver diretamente com tantas artistas, de sentir-se acolhido e poder participar de um projeto tão inovador.

Ingressar em um projeto já em andamento, formado e consolidado por uma equipe de mulheres tão reconhecidas em seu meio não é uma tarefa fácil, é prestigiosa e requer comedido.

Fui “adotado” pelo coletivo Grupo “Com.barro” de Florianópolis por intermédio de minha professora Luciane Garcez, através da disciplina de processos cerâmicos que cursei na UDESC no ano de 2015.

O coletivo neste momento pensava em possibilidades para a fatura da nova etapa de uma obra, esta pautada numa proposta de estar em constante processo de evolução.

Esta obra está inserida no temática de curadoria da Artista Argentina Silvia Barrios, “Para falar de um outro labirinto” tem o intuito de apresentar uma instalação em cerâmica interativa e participativa para o público, a partir da temática “Labirinto”, explorada por Jorge Luis Borges nos seus escritos, para que possamos movimentar diálogos e compartilhar encontros com a cerâmica, com o tempo e com o outro.

Neste primeira etapa a materialidade do projeto consiste de dois cubos mágicos, dispostos numa superfície horizontal na cor preta, com um metro quadrado de área, e 80cm de altura, a cargo do espaço expositivo.

Cada um dos cubos mágicos é formado pelo conjunto de oito cubos cerâmicos (10 X 10 X 10 cm) feitos com azulejos coloridos mate, em cujas faces são decalcados fragmentos dos poemas de Jorge Luis Borges, queimados a 800°C. Uma das faces é revestida de espelho, na qual as imagens se refletem, sempre outras.

Na primeira fase, a interação entre a obra e o espectador, acontece na movimentação dos cubos, movimentos estes, que podem ser individuais, mas também grupos de movimentos, que reverberam a cada montagem em "múltiplos labirintos".

Ao “brincar” de fazer poesia, o espectador estará também criando seus próprios caminhos, interagindo com este grupo de artistas brasileiras, interagindo com Borges e sua poética de labirintos.

A interatividade já fazia parte da prática estética como aparece nos escritos de Marcel Duchamp, em 1957, que atribuía o ato criador ao artista e ao espectador na interação com a obra. Dessa forma, a arte era colocada em contato com o mundo, pelas pessoas que atuavam como “espectadores” convocados a participarem das proposições artísticas.

Assim, a proposta artística entra em consonância com o conceito de labirinto ao apresentar múltiplos caminhos, múltiplas combinações. Múltiplos “caminhos que se bifurcam” e conduzem a novas propostas.

Este projeto se constrói em processo, estando em constante movimento, dinâmico e propositivo. Na medida em que as experimentações e pesquisas avançam, o projeto vai constituindo-se de outros modos e formas para criar um diálogo poético e interativo que se soma e transmuta-se, compartilhando poéticas que transpassam contribuições das tecnologias.

O desafio era a segunda etapa: Pensar a tecnologia de interatividade.

“Combinar a cerâmica e algum computador” pensar um dispositivo “inteligente” que seria a ponte entre o a obra e o espectador e dessa relação gerar o efeito da interatividade.

Isso é combinar duas tecnologias: uma milenar, datando os tempos da cultura Jomonn no Japão, outra oriunda das ramificações evolutivas do computador eletrônico originário no período pós segunda guerra mundial, tão distantes e tão presentes, precisariam se fundir com o espectador para resultar o como parte fundamental para a execução.

Pensar em possibilidades de ação entre espectador e obra com uma interface convidativa, estimulante e com fascínio a troca foram os pontos que levantamos.

Trabalhar em uma obra que visa estar sempre em constante processo evolutivo nos fez pensar em trazer o que representa a evolução tecnológica nos dias atuais, aliando isso a comodidade e a praticidade para a montagem da obra no espaço expositivo. Foram diversos encontros partilhado com as artistas, todas convergiam sua produção, ideias e experiência para a execução das possibilidades da versão final da obra, essa que possui diversas possibilidades ao emprego de tecnologias funcionais.

Em 2015 durante o segundo semestre a tecnologia sendo usada para a montagem da obra partiu de um desenho de um cubo de madeira com quatro lados, sem as partes inferior e superior, cada uma das faces continham 10 nichos de 12x12 cm abrigando os cubos cerâmicos, na base de cada um desses nichos haveria um botão simples de push-down, sendo acionado pelo peso do cubo. Dentro de seu interior seriam abrigados um notebook, um projetor e um Arduíno.

O Arduíno é uma plataforma eletrônica de hardware livre, projetada com um microcontrolador Atmel AVR com suporte de entrada e saída embutido, nele uma linguagem de programação é usada também de forma livre, O objetivo do mesmo é criar ferramentas que são acessíveis, com baixo custo, flexíveis e fáceis de se usar por artistas e amadores. Principalmente para aqueles que não teriam alcance aos controladores mais sofisticados e de ferramentas mais complicadas.

Quando um ou mais cubos eram inseridos nos nichos vídeos aleatórios sobre o processo de criação da obra, esses armazenados no notebook, seriam exibidos pelo projetor, sendo esse voltado para o teto do espaço expositivo.

Essa primeira versão do projeto em sua segunda etapa gerou muitos problemas de execução final para a interação com o público, muito se dava pelo excesso de informação a ser processada pelos nichos e a fragilidade dos botões usados em suas bases.

No início de 2016 o processo tomou um outro rumo, mais dinâmico, moderno e não menos desafiador.

Migramos para uma nova plataforma de hardware, tiramos o peso da união notebook - arduino e substituímos pelo moderno e versátil Raspberry Pi 2.

O raspberrypi é um mini microcomputador que, no exíguo espaço equivalente a um cartão de crédito, abriga processador, processador gráfico, slot para cartões de memória, interface USB, HDMI e seus respectivos controladores. Além disso, também apresenta memória RAM, entrada de energia e barramentos de expansão.

Para esta etapa, o layout da obra apresenta um cubo de MDF com a interatividade na parte frontal em uma única face no suporte com três prateleiras para a disposição dos

cubos cerâmicos e a interação permitida por meio do Passive Infra Red sensor ou simplesmente sensor PIR.

É um sensor que usa Piroeletricidade (do grego pir=fogo/eletricidade) que é a capacidade de certos materiais gerarem uma tensão temporária quando são aquecidas ou arrefecidas utilizado infravermelhos. Os PIR são constituídos por três partes básicas. No lado de fora existe uma lente de Fresnel (muito parecida com as lentes usadas em faróis) com um chip detector na parte de trás, é uma janela de material polímero branco opaco. Esta lente permite que luzes, relativamente pequenas, possam ser vistas a distâncias muito grandes. Neste caso, a lente Fresnel irá amplificar a assinatura de calor infravermelho que está sendo dissipada por uma pessoa, o espectador interagindo com a obra, especialmente, o movimento de suas mãos manuseando os cubos cerâmicos dispostos nas prateleiras. Para além de amplificar a energia, a lente Fresnel também divide o sinal de infravermelhos em vários feixes de luz aumentando a capacidade de leitura dos movimentos.

É um módulo muito utilizado para recursos de automação residencial e robótica foi pensado neste projeto no conjunto da produção artística.

Nesta proposta, o espectador mantém a interação formando seus próprios poemas/labirintos ao manipular os cubos e combinar os trechos do texto. Os cubos serão dispostos e manipulados numa estrutura em MDF preto fosco, constituída de três prateleiras onde os cubos são expostos, manipulados e organizados pelo espectador. Ao interagir com os mesmos o espectador acionará o sensor PIR, através da leitura desse estado, entra a linguagem de programação do Raspberry que por sua vez projetará imagens no teto do espaço expositivo através de sua conexão de vídeo direta com o projetor.

As imagens organizadas num vídeo produzido pelo coletivo trazem referências do processo desenvolvido para a produção da proposta apresentando momentos da montagem, trechos do texto decalcado nos cubos, os próprios cubos, os componentes do coletivo.

A “performance do espectador” ao movimentar os cubos aciona uma câmera que vai registrar imagens da pessoa que está interagindo com a obra, registrando os movimentos no momento em que acontecem, pois quando o dispositivo é acionado, os vídeos previamente selecionados e exibidos durante a mostra, são substituídos pela imagem do espectador participante, que será incluída no vídeo e projetada inserindo-o na obra experimental, como participante, como imagem, como sujeito que completa a obra, isso se dá através da inserção de um módulo de câmera digital, inserido e programado no RaspberryPi.

A ideia do “experimental” de Hélio Oiticica fundamenta as reflexões que movimentam o pensamento. O espectador como participante é quem faz a proposta de arte acontecer. É desse modo que pensamos o projeto, um trabalho interativo que remete à performance. Pensamos em cada outro labirinto possível proposto pelos espectadores, o que desdobra o projeto para além da proposta do coletivo Com.Barro, e oferece outros modos e outras provocações relacionais com a obra.

A interação cerâmica e tecnologia faz uma dobra de tempo, aqui trazemos Gilles Deleuze e Georges Didi-Huberman, quando estes autores discorrem sobre o anacronismo da obra, sobre a atemporalidade de certas propostas poéticas. São destempos que ativam uma proposta artística.

No contexto da história da cerâmica voltamos milhares de anos no tempo, sinalizando a nossa formação que se constitui socialmente organizada e sedentária. Nas tecnologias, reverberamos o contemporâneo, as novas possibilidades de leituras, propostas, imagens, interações.

Importante também ressaltar que ao acionar os vídeos, o espectador aciona a memória de nosso trabalho, pois os vídeos foram organizados a partir de registros da montagem do projeto, reuniões de discussão, imagens de encontros, entre outras. Quando o espectador é fotografado interagindo com os cubos, a proposta pode movimentar a noção de sociedade de vigilância, discutida pelo teórico italiano Giorgio Agamben, onde cabe a noção do participante se ver revelado publicamente a partir de uma câmera despercebida.

Não há intuito de constranger o público ao revelá-lo como parte integrante do processo criativo, mas convidá-lo para a produção artística participativa, interativa e compartilhada, aspecto relevante da proposta compreendida como anacrônica, passível de outros desdobramentos, interativa e performática.

Convergir essas ideias ao ponto de concretizá-las no plano físico foi o maior momento de aprendizado durante minha graduação pela UDESC, foi o maior trabalho em que participei com relação a duração, equipe e pesquisa. Estar presente, inserido em uma curadoria maior com artistas de toda a América latina foi mais um ponto importante a ser sentido, foram muitas trocas de e-mail para tudo acontecer, foram diversos encontros pautados com diretrizes para que acontecesse.

Pensar a cerâmica em união com tecnologias modernas foi desafiador, foi combinar o discurso técnico com o viés artístico de modo a criar a poética necessária para uma simbiose completa ser possível junto ao espectador.

Valeu cada minuto.

Referências:

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. Tradução de Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 2013.

BORGES, Jorge Luis. A Casa de Asterion. In: **O Aleph**. Trad: Flávio José Cardozo, Rio de Janeiro: Globo. p. 53-55.

BORGES, Jorge Luis. **Entrevista**. [1985]. Entrevistador *Roberto D'Ávila*. Disponível em:<<http://www.revistabula.com/533-a-ultima-entrevista-de-jorge-luis-borges/l/>>. Acesso em 26 abr. 2015.

_____. Elogio da Sombra. **Obras Completas**. São Paulo: Globo, 1999.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

Didi-Huberman, Georges. **Devant le temps** : histoire de l'art et anachronisme des images, Paris : Ed. de Minuit, 2000, (Critique)

DUCHAMP, Marcel. O Ato Criador. *In*: BATTCKOCK, Gregory. *A Nova Arte*. São Paulo. Perspectiva: 2004.

Fontes consultadas:

<http://www.mediabeta.it/aleph/labirinti.html>

NOTAS BIOGRÁFICAS

Coletivo com.barro

Eneida Soares Macedo – Natural de Porto Alegre, RS. Graduada e pós-graduada pela UFRGS, Engenharia Civil. Mudou-se para a Bélgica em 1994. Graduação em Arte Têxtil (2000) e Arte Cerâmica (2009) pela Academia de Artes Plásticas e Aplicadas de Hove. Graduada em Tecelagem pela Escola Técnica Superior de Gent, especialização em têxteis de interior(2002). Formação em Arte Têxtil pela Academia de Artes de Antuérpia (2006).Participou de exposições coletivas de arte têxtil e cerâmica .Mudou-se para Florianópolis em 2009 onde vive. Participa do grupo "Livro de Artista-Florianópolis". E-mail: eneidasoaresdemacedo@yahoo.com.br

Hermengarda Gurgel Anatócles – Natural do Rio de Janeiro. Assistente social (FSSRJ), artista plástica e arte-educadora (UDESC). Ceramista, com ênfase na pintura sobre louças em porcelana, faiança e esmaltes sobre cerâmica. Há dez anos reside em Florianópolis. E-mail: gardinhagurgel@hotmail.com

Ilca Barcellos – Natural de Pelotas, RS. Bióloga e artista visual desde 2007. Participa de exposições no Brasil e no exterior (Canadá, França e Itália),de Salões e Bienais de Arte no Brasil e no exterior (Argentina, Cuba, Espanha, República Dominicana, Portugal e Suíça). Além da cerâmica, pesquisa a utilização de novos materiais, como espuma de poliuretano, EVA e tecido com fibra de poliéster; para criar esculturas e instalações que se integram ao espaço. Vive e trabalha em Florianópolis. E-mail: ilcabarcellos@gmail.com

Luciane Garcez - Professora na graduação na área de Cerâmica e Teoria e História da Arte na Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC. Professora de História da Arte de Santa Catarina e Metodologia do Ensino da História da Arte no curso de Pós-graduação em História da Arte da Universidade da Região de Joinville - Univille. Professora na graduação na área da Cerâmica na UNIDAVI. Bacharel em Artes Plásticas pela Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC (2006). Mestre em Teoria e História da Arte (PPGAV-CEART, UDESC - 2009), bolsista Capes. Doutoranda pela Université Aix-Marseille, França. Produção plástica artística em cerâmica. E-mail: lucianegarcez@gmail.com

Marina Uieara - Natural de São Paulo, graduada em química pela UFSCar e doutora em química pela University of Bristol. O início na cerâmica foi em 2004. Atua ministrando aulas e participa de exposições. Frequentou diversos cursos, entre eles o curso de torno e cerâmica no Burlington Art Centre, no Canadá. E-mail: uieara@ig.com.br

Rosane Gonçalves - Artista Visual residente em Florianópolis, graduada em Odontologia, completando o curso de Artes Visuais pela Universidade Estadual de Santa Catarina- UDESC. Dedicada as artes desde 1998, inicialmente com pintura. Possui trabalhos em diferentes linguagens, como; intervenções urbanas, novas mídias, cerâmica e pintura, sempre buscando novas linguagens e novos suportes. E-mail: rosane.floripa@gmail.com

Rosângela Goretti Lange Rosa - natural de Blumenau, SC, no ano de 2005 graduou-se em Artes Plásticas pela FURB – Fundação Universidade Regional de Blumenau. Participou, ainda, do Programa de Atualização Permanente – PROAP, no curso cerâmico Módulo III, realizado na Fundação Universidade Regional de Blumenau, no segundo semestre de 2003 e nos primeiro e segundo semestres de 2005. Posteriormente completou o bacharelado em Artes Plásticas na UDESC, em Florianópolis 2013. Participou de diversas exposições no Brasil e por duas vezes no Salão Nacional de Cerâmica em Curitiba, Paraná. E-mail: rosangelarosa.bnu@zipmail.com.br

Rosana Bortolin - Licenciada e Bacharel em Desenho e Plástica, Especialista em Cerâmica - Universidade de Passo Fundo - UPF, Passo Fundo, Brasil. Mestre em Poéticas Visuais - Escola de Comunicação e Artes - ECA / USP, São Paulo, Brasil. Doutoranda em Escultura na Universidade do País Vasco - UPV, Bilbao, Espanha. Professora no Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina - CEART - UDESC, em Florianópolis - SC, Brasil. Expõe regularmente desde 1984. Séries desenvolvidas com a realização de Exposições Individuais: Ovóides, Guardiões, Alguidares, Habitar Ninhos e Profano - Sagrado, onde realiza micro intervenções pelos sítios que percorre. E-mail: rosanabortolin@gmail.com

Sara Ramos - Artista plástica, natural de Florianópolis/SC-Brasil. Formada em Artes Visuais e em Língua e Literatura Portuguesa, trabalha como ceramista e escultora há mais de uma década. Apresenta trabalhos em diversas exposições Individuais e Coletivas no Brasil e exterior desde 1999. Possui trabalhos no acervo de museus e espaços públicos em Portugal, República Dominicana, Argentina, Uruguai e Vietnã. Recebeu o Prêmio Especial Dona Iris com sua obra no ano de 2010 no IV

International Ceramic Tile Triennial - Santo Domingo/República Dominicana, e o Prêmio Especial Vasco Prado com o grupo Bando de Barro em Novo Hamburgo/RS, em 2012. Trabalha atualmente em seu atelier particular em Florianópolis, Santa Catarina. E-mail: saravpr@hotmail.com

Viviane Diehl - Natural de Carazinho, RS, é professorartista do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Câmpus Feliz, na área Artes/Cerâmica. Doutoranda em Educação na Universidade Federal de Santa Maria, RS, Mestre em Educação, Arteterapeuta, Especialista em Cerâmica, Licenciada em Educação Artística - Habilitação em Desenho e Plástica, na Universidade de Passo Fundo, RS. Expõe regularmente desde 1993 na linguagem cerâmica, em diversos lugares. Vive e trabalha em Feliz, RS. E-mail: viviane.diehl@feliz.ifrs.edu.br

Viviane Diehl - Natural de Carazinho, RS, é professorartista do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Câmpus Feliz, na área Artes/Cerâmica. Doutoranda em Educação na Universidade Federal de Santa Maria, RS, Mestre em Educação, Arteterapeuta, Especialista em Cerâmica, Licenciada em Educação Artística - Habilitação em Desenho e Plástica, na Universidade de Passo Fundo, RS. Expõe regularmente desde 1993 na linguagem cerâmica, em diversos lugares. Vive e trabalha em Feliz, RS. E-mail: viviane.diehl@feliz.ifrs.edu.br

Guilherme Doze Santos - (Guilherme Bruno da Silva dos Santos) Acadêmico em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC desde 2011, natural de Florianópolis/SC-Brasil. Com formação inicial na tecnologia da informação. Atua nas áreas de produção áudio visual e instalações multimídia. E-mail: doze.guilherme@gmail.com